

que precedem a aurora de uma era de todo diferente, que já deixou para trás nossas representações historiográficas da história?"<sup>96</sup>

Trata-se da mesma disposição que Jaspers expressou em um famoso simpósio em Genebra naquele mesmo ano: "Vivemos como se estivéssemos a bater em portões ainda fechados... O que acontece hoje irá talvez um dia fundar e estabelecer um mundo."<sup>97</sup> Essa disposição de esperança logo desapareceu na rapidez com que a Alemanha recuperou-se econômica e politicamente do "ponto-zero"; confrontados com a realidade da Alemanha de Adenauer, nem Heidegger nem Jaspers jamais expuseram de forma sistemática o que muito em breve apareceria para eles como uma interpretação equivocada da Nova Era.

No caso de Heidegger, contudo, temos ainda o ensaio sobre Anaximandro, com seus perturbadores sinais a indicar uma outra possibilidade de especulação ontológica, sinais que estão semi-encobertos pelas considerações filológicas altamente técnicas do texto grego (que é bastante obscuro e provavelmente adulterado); partindo deles, arriscarei uma exegese desta sedutora variante de sua filosofia. Na tradução literal e provisória de Heidegger, o pequeno texto grego diz: "Ora, daquilo de que as coisas são geradas [*genesis*], também o desaparecer [*phthora*] se engendra, conforme a necessidade; pois as coisas se dão justiça [*diken didonai*] e penitência [*tisin*] umas às outras por sua injustiça [*adikia*], segundo a ordem do tempo."<sup>98</sup> O tema é, pois, o vir-a-ser e o desaparecer de tudo o que é. À medida que qualquer coisa que seja é, ela "se demora" no presente "entre uma ausência dupla", sua chegada e sua partida. Durante as ausências, ela está oculta; é desocultada somente na curta duração de sua aparição. Vivendo em um mundo das aparências, tudo o que conhecemos ou podemos conhecer é "um movimento que deixa todo ser que emerge abandonar o ocultamento e ir em direção ao desocultamento", demorando-se ali por um tempo até que, "por sua vez, abandone o desocultamento, partindo e retirando-se para o ocultamento."<sup>99</sup>

Mesmo essa descrição não-especulativa, estritamente fenomenológica, está claramente em desacordo com o ensinamento habitual que Heidegger transmite de uma diferença ontológica segundo a qual *a-letheia*, verdade entendida como não-velamento ou desocultamento, está sempre do lado do Ser; no mundo das aparências, o Ser revela-se somente na resposta do pensamento do homem em termos de linguagem. Nas palavras de *Sobre o humanismo*, "A linguagem é a morada do Ser" ("*Die Sprache [ist] zumal das Haus des Seins und die Behausung des Menschenwesens*").<sup>100</sup> Na exegese do fragmento de Anaximandro, desocultamento não é verdade; pertence aos seres que chegam e que partem para um Ser oculto. O que dificilmente causou mas certamente facilitou essa reversão é o fato de que os gregos, especialmente os pré-socráticos, pensavam com frequência no Ser como *physis* (natureza), cujo significado original deriva de *phyein* (crescer), isto é, vir da escuridão para a luz. Anaximandro, diz Heidegger, pensou em *genesis* e *phthora* em termos de *physis*, "como formas luminosas de ascensão e declínio."<sup>101</sup> E a *physis*, segundo um fragmento muito citado de Heráclito, "aprecia ocultar-se."<sup>102</sup>

Embora Heidegger não mencione o fragmento de Heráclito no ensaio sobre Anaximandro, suas teses principais parecem ter sido inspiradas por Heráclito, em vez de Anaximandro. De importância central é o conteúdo especulativo, a relação na diferença ontológica é aí revertida, e isso é expresso nas seguintes frases: "O desocultamento dos seres, o brilho a eles concedido [pelo Ser], obscurece a luz do Ser"; pois "ao revelar-se em seres, o Ser se retira" ("*Das Sein entzieht sich indem es sich in das Seiende entbirgt*").<sup>103</sup> A frase que grifei ganha muita ênfase no texto por ser muito repetida. Sua plausibilidade imediata no original alemão baseia-se inteiramente na relação lingüística cognata de *verbergen* (esconder, ocultar) com *bergen* (proteger e abrigar) e *entbergen* (desvelar). Na tentativa de explicar o conteúdo especulativo da relação cognata como foi construída por Heidegger, podemos resumi-lo da seguinte forma: o ir e vir dos seres, seu aparecer e desaparecer, sempre começa com um desvelamento que é um *ent-bergen*, a perda do abrigo (*bergen*) original que fora concedido pelo Ser; o ser então "se demora um pouco" no "brilho" do desvelamento, e acaba por retornar ao abrigo protetor do Ser em seu ocultamento: "Presumivelmente Anaximandro falava de *genesis* e *phthora* [geração e declínio]... [isto é] *genesis estin* (segundo a interpretação que gostaria de dar) e *phthora ginetai*, 'vir-a-ser' é, e 'desaparecer vem a ser.'"<sup>104</sup>

Em outras palavras, há sem dúvida algo como um devir; tudo o que conhecemos veio a ser, emergiu de alguma escuridão anterior para a luz do dia; e este devir fica sendo sua lei enquanto perdura: sua duração é ao mesmo tempo o seu desaparecer. O Devir, a lei que governa os seres, é agora o oposto de Ser; quando, ao desaparecer, o devir interrompe-se, ele se transforma de novo naquele Ser de cuja escuridão protetora e ocultadora emergiu originalmente. Nesse contexto especulativo, a diferença ontológica consiste na diferença entre Ser, no sentido forte e duradouro, e devir. É através da retirada que o "Ser sustenta sua verdade" e a protege; protege-a do "brilho dos seres que ofusca a luz do Ser", ainda que, originalmente, o Ser tenha concedido este brilho. Isto leva ao enunciado aparentemente paradoxal: "Ao prover o desocultamento dos seres, [o Ser estabelece] seu ocultamento."<sup>105</sup>

No decorrer dessa especulação, a transformação na abordagem que Heidegger usualmente faz da "busca do Ser" (*die Seinsfrage*) e do "esquecimento do Ser" (*Seinsvergessenheit*) torna-se evidente. Não é mais a inautenticidade genuína ou outra particularidade da existência humana o que faz com que o homem "esqueça" o Ser em seu abandono ao "man" (a palavra alemã para a pluralidade do "Eles"); tampouco o faz por ficar distraído com a superabundância dos meros entes. "O esquecimento do Ser pertence à essência auto-ocultadora do Ser... a história do Ser [e não a história dos homens na filosofia em geral ou na metafísica em particular] começa com o esquecimento do Ser, já que o Ser — juntamente com sua essência, aquilo que o distingue dos seres — guarda-se para si mesmo."<sup>106</sup> Através da retirada do Ser do reino dos seres, esses entes, cujo desocultamento foi causado por este Ser, são lançados a esmo, ficam a errar, e este errar constitui o "reino do erro...", o espaço em que se desdobra a história... *Sem a errância não haveria conexão de destino a destino: não haveria história* (grifo nosso).<sup>107</sup>